

Poderia prosseguir, mas o que aí fica é bastante para mostrar a Vossa Excelência (e dar-lhe instrumentos para que Vossa Excelência advogue minha causa junto à pessoa competente) que ponho tento no que escrevo, que tenho em máxima conta a vernaculidade e a pureza da língua e que, nos casos gramaticalmente facultativos, faço opções conscientes e rigorosamente defensáveis. Noutras palavras: prefiro esta ou aquela expressão, porque é a que vem ao meu caso, a que fica mais adequada (quando não é a única conveniente) ao contexto.

Espero que Vossa Excelência receba este arrazoado com o mesmo espírito com que foi redigido: defesa de uma coisa objetiva e louvável - a estrita correção gramatical e a necessária liberdade estilística dentro dos padrões da *coiné*.

Aproveito a oportunidade para apresentar, junto com os agradecimentos, as expressões da consideração e apreço com que me subscrevo

De Vossa Excelência

Gládstone Chaves de Melo.

[Texto inédito.]

QUEM DEVE ENSINAR LITERATURA BRASILEIRA?

(1966)

A questão do ensino da literatura foi levantada e agitada no Brasil em 1963 pelo crítico, ensaísta e filólogo português Rodrigues Lapa. Ao ensejo de denunciar o que considerava irregularidade no concurso para provimento da cátedra de Literatura Portuguesa na Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, chamou Rodrigues Lapa a atenção das autoridades portuguesas para o fato, a seu ver inaceitável, de ser a literatura portuguesa ensinada no Brasil por brasileiros, o que constituiria um perigo para a cultura lusa e talvez uma usurpação dos legítimos direitos dos nossos irmãos de além-mar.

Estava eu então em Portugal, como Adido Cultural de nossa Embaixada, e pude verificar a má repercussão que teve a tese entre os melhores intelectuais portugueses (o artigo de Rodrigues Lapa foi publicado na revista *Seara Nova*, de Lisboa). Não podiam concordar com o exclusivismo, injusto e antipático.

Realmente, insuportável é a posição de Rodrigues Lapa, homem, aliás, digno de admiração pelos seus trabalhos relativos à literatura medieval e aos arcades do nosso “grupo mineiro”. Ninguém pode negar a Rodrigues Lapa a homenagem da contestação formal de sua tese.

A vingar essa estranha colocação do problema, no ensino da literatura teríamos desde logo de nos privar das luzes de Thiers Martins Moreira e

Cleonice Berardinelli, ou de Antônio Soares Amora e Segismundo Spina, para não sair do chamado eixo Rio - São Paulo e para ficar nos ótimos e indiscutíveis. Todos somos devedores do trabalho e do magistério desses mestres, estimados também e aplaudidos em Portugal, como não podia deixar de ser.

E, deixando de considerar a língua comum, que evidentemente facilita ao máximo o tráfego livre nas duas literaturas, vamos encontrar especialistas estrangeiros, cujas pesquisas, estudos e reflexões contribuíram de maneira decisiva para o progresso da ciência.

Já não quero falar na sábia Dra. Carolina de Vasconcelos, alemã de nascimento, que se tornou a maior autoridade em português medieval, nomeadamente com seu *opus magnum*, o *Cancioneiro da Ajuda* (Halle a. S., I, 1904; II, 1908), que limpou o caminho para o estabelecimento da verdadeira lírica de Camões e que ofereceu dados importantíssimos para o entendimento do genial e difícil Gil Vicente, isto sem mencionar outros trabalhos do mais alto valor.

Lembro um Wilhelm Storck, também alemão cuja *Vida e Obra de Luís de Camões* (traduzida e anotada por Carolina Michäelis de Vasconcelos, Lisboa, 1897) é um marco definitivo nos estudos camonianos de orientação científica.

Trago à colação ainda um Aubrey Bell, apaixonado lusitanista inglês, que largamente contribuiu para melhorar os conhecimentos sobre Gil Vicente, Fernão Lopes, Jerônimo Osório, Camões, Diogo do Couto, Gaspar Correia, Jorge Ferreira de Vasconcelos, e que escreveu um grande ensaio, *A Literatura Portuguesa* (traduzida do inglês por Agostinho de Campos e J. G. de Barros e Cunha, Coimbra, 1931, 506 p.), de leitura obrigatória para quantos se interessam pela história da literatura irmã.

Seria muito fornida a lista, em que figuraria um Oskar Nobling, um Henry Carter, um William Entwistle e tantos outros, mas não podemos deixar de mencionar que uma das maiores autoridades atuais em Gil Vicente é o francês I. S. Révah, e que o melhor estudo sobre o P^o. Antônio Vieira se deve a Raymond Cantel (*Les Sermons de Vieira - Etude du Style*, Paris, 1959).

Seria fácil prosseguir, mas seria covarde, tão grande e tão importante é a contribuição estrangeira para a investigação, o conhecimento e a difusão da literatura portuguesa em países de outra língua.

Durante o tempo em que servi em Portugal fui testemunha da alta proficiência e do comovente carinho com que ensinava (e ensina) literatura brasileira na Faculdade de Letras de Lisboa um Vitorino Nemésio, homem de escala européia, poeta, romancista, filólogo e ensaísta.

Todos sabemos quanto deve a literatura brasileira aos acurados e longos esforços dos portugueses José Osório de Oliveira e João Gaspar Simões, o

primeiro autor de uma bela síntese de nossa história literária, o segundo incansável divulgador e intérprete de várias figuras do nosso modernismo e pós-modernismo, em artigos de crítica na imprensa lisboeta e portuense.

O principal impugnador da tese de Rodrigues Lapa, é o bom senso, hoje em dia tantas vezes posto de lado ou esmagado pelos preconceitos de escola, ou pelo eruditismo, ou pelos exclusivismos, entre os quais avulta o nacionalismo.

Estamos em plena época do universal, da ONU, do “um mundo só”, do ecumenismo, da *Pacem in terris* (“por imposição da mesma ordem moral, é necessário constituir uma autoridade pública geral”), da chamada “sociologia da unidade”, do solidarismo, enfim. Neste mundo de Deus, “nous sommes embarqués”, como dizia Pascal, e não só no que se refere à vida sobrenatural e ao destino de além-túmulo, mas também no que diz à sorte temporal da humanidade. Nada há mais contrário ao sadio espírito de nossa época do que as estreitezas nacionalistas, filhas quase sempre do ressentimento e do complexo de inferioridade.

Imagine-se o que sucederia, a prevalecer a doutrina e o apelo de Rodrigues Lapa. Aqui no Brasil, por exemplo, teria de ser defenestrado um professor consciencioso como José Carlos Lisboa, que há tantos anos ensina Literatura Espanhola na FNF. O mesmo destino aguardariam uma Aíla de Oliveira Gomes, admirável catedrática de Literatura Inglesa na mesma Faculdade, professora cujos conhecimentos sobre Shakespeare deixaram rendida a banca que a examinou no concurso, e fariam sucesso grande na própria Inglaterra. Igualmente, teria sido despejado da mesma casa o poeta Manuel Bandeira, que lá por tanto tempo se encarregou da Literatura Hispano-Americana, com aquela invejável seriedade que põe em todos os seus trabalhos.

E, se fosse verdade que só um nacional pudesse validamente ensinar literatura, quem ensinaria aqui e por aí fora literatura latina ou literatura grega?

Fazendo apelo, não às autoridades políticas mas ao velho e às vezes esquecido bom-senso, diremos, com ares acacianos, que deve ensinar literatura, portuguesa, brasileira, italiana ou chinesa, quem conheça a matéria e saiba transmiti-la. Competência e boa didática são o bastante para qualificar tecnicamente um professor.

Portugueses e brasileiros só motivo de alegria têm de ver sua respectiva literatura ensinada por outro nacional da língua comum. Nenhum estrangeiro está mais aparelhado a “sentir” a literatura portuguesa do que um brasileiro, do mesmo modo que, fora do Brasil, ninguém melhor compreenderá a literatura brasileira do que um português. A rigor, nem sabe, no caso, falar em “estrangeiro”, palavra em que figura a idéia de “estranho”. Portugueses e

brasileiros não são estranhos um ao outro, são realmente irmãos, infelizmente ainda mal conhecidos uns dos outros.

No que se refere à literatura, então, mais sem sentido fica a separação. Camões é tão nosso como de Portugal; Vieira será mais nosso do que português; Gil Vicente ou Fernando Pessoa pertencem ao patrimônio comum. Está consagrada a expressão “Literatura de Língua Portuguesa”, que figura até no currículo do Curso de Jornalismo das Faculdades de Filosofia. “Biblioteca Luso-Brasileira” é o nome de uma vitoriosa coleção, que a Editora Aguilar lançou há alguns anos sob a direção de Afrânio Coutinho, e onde Fernando Pessoa é chamado “poeta luso-brasileiro não só pela receptividade alcançada em ambos os lados do Atlântico pela sua mensagem na língua comum, senão, ainda, pelo simbólico e voluntário exílio de Reis no Brasil”. Isto é o certo; o resto terá explicações na psicologia do inconsciente.

(In *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 26-5-1966.)

O PROBLEMA DA TRADUÇÃO [I]

(1954)

Dos trabalhos literários nenhum certamente é mais difícil que este de traduzir um texto de uma língua para outra. E no entanto, nenhum trabalho literário é enfrentado com tamanha despreocupação e desempenho como o de traduzir um texto de uma língua para outra. Qualquer pessoa se julga apta para fazê-lo, prontifica-se a isso e executa a obra, que no fim é aceita sem protesto e às vezes até com agrado e elogios por parte do chamado público leitor. No Brasil a coisa assume profundidade e proporções assustadoras, de tal arte que se tem a impressão que vivemos no país onde pior se traduz no mundo.

Quanto a mim confesso que muito poucas vezes agüento uma tradução brasileira: o mal-estar e a irritação que me vão invadindo produzem rapidamente a saturação, que me obriga parar na página 10, na página 20 e raramente na página 30, a não ser que, por dever de ofício, eu esteja recolhendo documentação para fazer um trabalho como este, por exemplo.

Por que é tão difícil tarefa o traduzir? Porque se trata de uma complexa operação do espírito. Dizer ou escrever é dar forma verbal, é dar corpo a uma idéia, a um sentimento, a uma vivência. Estabelece-se aquela espécie de círculo vicioso, aquela causalidade recíproca, em que a idéia gera a palavra e a palavra vai aclarando as idéias, e cujo resultado é um todo solidário e coerente a que chamamos *expressão*.

Ora, no caso da tradução, o mecanismo é muito mais complicado. Temos realizada, em língua estrangeira, uma expressão, que, como toda expressão,